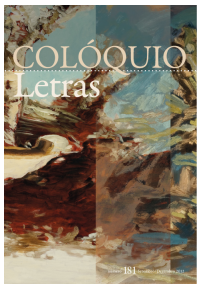

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Mulher Moderna', de Reis-Sá. Jorge]

Maria Bochicchio

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Bochicchio, "[Recensão crítica a 'Mulher Moderna', de Reis-Sá. Jorge]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 217-218.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

fundadora comunidade: a da língua, a do olhar, a do corpo ou a do pensamento. No poema «O Silêncio» a duplicação especular da figura do autor transforma aquilo que seria um solilóquio num diálogo a múltiplas vozes (embora, aparentemente, só ouçamos uma): «Ao que veio de mim queria ir saudá-lo / como se fosse um estrangeiro / e de entre o meio das pedras / aparecendo-me, rosto queimado do sol, / abraçá-lo e perguntar-lhe sem medo / que estradas havia percorrido» (p. 38).

A consciência da constitutiva duplicidade da palavra (dúplice e cúmplice do próprio silêncio) permite ao autor produzir neste livro uma poesia sóbria, afirmativa, voluntariamente contida, e trabalhada até encontrar a correta proporção entre aquilo que é dito e o modo como as palavras se encadeiam para dizer, talvez, outra coisa. Este *outra coisa* corresponde aqui ao desdobrar reflexivo de um impulso lírico ou ao desdobrar elegíaco de uma postura reflexiva. Isto torna a leitura de *Negócios em Ítaca* particularmente exigente. Se a leitura é quase sempre, para o leitor, mais superficial do que a consciência pressuposta pela escrita, o texto realiza-se nessa relação de desfasamento: desfasamento entre as palavras do autor e as palavras dos leitores, desfasamento entre o mundo do autor e os mundos dos leitores. Por isso, se com imagem de Ítaca a sombra de Kavafis percorre o livro, ela é a figura de uma promessa que a si mesma se cumpre e se frusta. Promessa para com a língua e para com a vida, do poeta para consigo mesmo e deste para com os leitores. Vedada a possibilidade de coincidência entre subjetividades (a do autor e a do leitor) resta, talvez mais profunda e mais rica, a partilha de referências: a partilha do mundo diante e no interior do qual as palavras adquirem ou potenciam algumas significações, potenciam um aprofundamento da experiência. Esta não é, no entanto, uma promessa de redenção pela poesia, será, antes, a constatação do limite como fundamento do possível: «Entende: / a promessa de canto é mero anúncio / de produto em fim de stoque nos outletes / da misérrima emoção a baixo custo» (p. 41).

Helder G. Cancela

Jorge Reis-Sá
MULHER MODERNA
Lisboa, Ulisseia / 2011

Mulher Moderna, o sexto livro de poesia de Jorge Reis-Sá, é uma pequena coletânea que se situa sob os signos de García Marquez e Pavese. Que o mesmo é dizer: o seu universo referencial oscila entre os *Cem Anos de Solidão* do primeiro, com que abre, e o *Mestiere di vivere* e *Lavorare stanca* do segundo, com que conclui.

O ciclo começa, assim, com referências explícitas ao livro de García Marquez: Macondo é a cidade fundada pelos Buendía; Melquíades é o cigano que volta todos os anos em março e vende invenções a José Arcadio Buendía. A diferença substancial é que, no livro de Reis-Sá, Melquíades não visitou quem nos está a falar — e a legião de fantasmas que povoam o passado desse autor textual é mais numerosa do que as árvores da Amazónia.

Mas aqui o espaço torna-se tempo passado («A minha Macondo chama-se O Que Foi»...) e a voz do poeta acentua, logo no segundo verso, que «o meu realismo não tem nada de mágico». E, de facto, a revisitação de García Marquez parece ter mais a ver com a *solidão* personificada do título do seu célebre livro e a irrecuperabilidade de tudo o que se gostaria de poder convocar. Se, em *Cem Anos de Solidão*, Macondo é uma cidade de espelhos que reflete o mundo, em *Mulher Moderna* esse mundo é de vazios em que nada acontece,

salvo as personificações tão imaginárias quanto evasivas.

Por outro lado, o mundo, neste breve ciclo poético, é menos a Macondo colombiana do que o desencantado lugar do reencontro com o célebre «poema de um funcionário cansado» de António Ramos Rosa. Aqui, o funcionário vai perdendo a vida «na segunda / repartição de finanças» e, mais adiante, recapitula: «Levantar pela manhã sem um único / objectivo, levar o corpo à segunda repartição / de finanças, corrigir impressos a gente ainda // mais desinteressante do que eu.»

Iniciada com uma citação camoniana, outra passagem sintetiza perfeitamente o *mood* da voz que escutamos: «Perdi todo o discurso // de meus anos. Não tenho futuro, ri / o passado das memórias que deixou. / E o presente não conjuga ressuscitou.»

O poeta sente-se exausto e desistente antes dos quarenta anos, e traduz um *voyeurismo* que se apresenta como autobiográfico em devaneios com ficções mais ou menos tecnológicas que lhe fornecem a imagem das musas de ocasião ausentes/presentes num quotidiano que se desdobra em figurações solitárias que não vão sem lembrar alguma pintura de Edward Hopper («Sentavam-se na beira da cama, apertavam // o soutien e a luz caía desesperada»). E também ícones de Hollywood, heróis supostos de narrativas estafadas do cinema, referências de quem recorre ao *leitmotiv* obsessivo de ter «quase quarenta anos», em que o quase também ecoa um «ficar aquém de» à maneira de Mário de Sá-Carneiro.

A desistência termina por se louvar em Cesare Pavese. No seu diário e na sua poesia, no seu suicídio e na opção final: «Trabalhar cansa. // Aceito, mas cansa mais não fazer nada.»

Maria Bochicchio

Nuno Dempster
K3
Lisboa, & etc / 2011

> I raised my head. The offing was barred by a black bank of clouds, and the tranquil waterway leading to the utermost ends of the earth flowed somber under an overcast sky — seemed to lead into the heart of an immense darkness. [...] the Horror! the Horror!
>
> Joseph Conrad, *Heart of Darkness*

De acordo com Christopher Booker (*The Seven Basic Plots*), todas as obras literárias podem ser reduzidas a sete tópicos principais, e todas contam de forma diversa o mesmo — a viagem de um herói, de um protagonista (etimologicamente, aquele que porta o sofrimento que terá de passar). Tudo isto se concretiza nesta aposta poética de Nuno Dempster (São Miguel, 1944). Sobre o autor, desconhecido até há bem pouco tempo (ainda que tenha escrito poesia durante grande parte da sua vida, apenas começou a publicá-la em livro desde há uns anos a esta parte), pouco de importante para aqui há a referir, a não ser o pormenor biográfico que deu origem a este livro. Trata-se de uma incursão poética nas suas memórias da guerra colonial que, de 1961 a 1974, mandou milhares de jovens diretamente para a morte nas (então) possessões portuguesas em África. O livro é assim uma viagem profunda ao aquartelamento apelidado de K3, nos confins da Guiné-Bissau, mas poderia ser escrito sobre qualquer outro conflito. Acaba por ser, neste sentido, bem mais um livro sobre nós próprios enquanto portugueses e que encontra, neste propósito, um reflexo complementar no livro anterior, o *poème-fleuve* com lugar noutra paragem, *Londres* (2010). Como viagem que *K3* então é, o autor faz diversas paragens e estrutura o «mo-